

## Arquitectura e Turismo na Madeira, (Des)Continuidades Históricas

### Architecture and Tourism in Madeira, Historical (Dis)Continuities

Rui Campos Matos<sup>1</sup>

#### Resumo

Num período que se estende do início do século XIX ao eclodir da Primeira Grande Guerra, existiu, na Madeira, uma arquitectura dedicada à cura de ares estreitamente relacionada com as origens do fenómeno turístico, isto é, com a presença temporária dos enfermos pulmonares na ilha, que pode ser designada como “arquitectura do turismo terapêutico”: as quintas de aluguer, os hotéis e o primeiro sanatório construído na ilha. O advento do turismo de massas – que, na Madeira, teve início na segunda metade do século XX – deu origem a uma profunda ruptura com os programas e formas desta arquitectura, resultante não só das mutações sofridas pelo próprio fenómeno turístico, como também do ideário do Movimento Moderno. Fundamentado no trabalho de investigação sobre a história da arquitectura na Madeira, este artigo caracteriza esta irreversível ruptura e as consequências que teve nas suas paisagens e cidades.

**Palavras-chave:** Arquitectura do Turismo; Madeira; Turismo Terapêutico; Turismo de Massas.

#### Abstract

In a period that extends from the beginning of the 19<sup>th</sup> century to the outbreak of the First World War, there was, in Madeira, an architecture dedicated to the cure of airs closely

---

<sup>1</sup> Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (1984), onde se doutorou em Teoria e História da Arquitectura (2015) com uma tese sobre *A Arquitectura do Turismo Terapêutico*. É investigador do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD) da (FA-ULisboa), onde desenvolve um projecto de Pós-Doutoramento cujo tema é *Madeira: Arquitectura, Paisagem e Turismo*, e do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL) da Universidade da Madeira. Exerce a arquitectura como profissional liberal na Madeira desde 1988 onde foi presidente da Delegação da Ordem dos Arquitectos (2014-2018). Para além da regular publicação em revistas científicas e culturais da especialidade, tem realizado uma ampla actividade no domínio da divulgação da arquitectura e do património histórico construído na Madeira, tema sobre o qual publicou vários livros. Contacto: [ruicamposmatos@gmail.com](mailto:ruicamposmatos@gmail.com).

related to the origins of the tourism phenomenon, that is, with the temporary presence of the pulmonary patients on the island. This can be called the architecture of therapeutic tourism: rental *quintas*, hotels and the first sanatorium built on the island. The advent of mass tourism – which, in Madeira, began in the second half of the 20<sup>th</sup> century – gave rise to a profound rupture with the programs and forms of this architecture, resulting not only from the mutations suffered by the tourism phenomenon itself, but also from the doctrine of the Modern Movement. Based on research work on the history of architecture in Madeira, this article characterizes this irreversible rupture and the consequences it had on its landscapes and cities.

**Keywords:** Tourism Architecture; Madeira; Therapeutic Tourism; Mass Tourism.

## Turismo Terapêutico

Na Madeira, designa-se como turismo terapêutico o fenómeno que trouxe sazonalmente à Ilha os enfermos maioritariamente oriundos dos países do Norte da Europa que, a conselho médico, procuravam na amenidade do clima subtropical da Ilha alívio dos seus males, nela passando a estação do Inverno em cura de ares. O fenómeno surge em inícios do século XIX – beneficiando das guerras napoleónicas (1799-1815) e da dificuldade de acesso dos ingleses às tradicionais estâncias terapêuticas mediterrânicas – e termina no século seguinte graças aos diversos factores de ordem económica, social e cultural que, progressivamente, viriam a transformar o turismo terapêutico em turismo de lazer. Este tornar-se-ia dominante após a Primeira Grande Guerra.

O conceito de turismo terapêutico, que nos anos 80 do século passado se tornou comum na historiografia insular<sup>2</sup>, goza actualmente de um significativo consenso entre os investigadores que se dedicaram ao tema. Devido ao rico coberto vegetal da Ilha e à calma que os enfermos nela gozavam, alguns autores chegaram a atribuir à Madeira da segunda metade do século XIX um prestígio maior que o de estâncias europeias como o Sul da França, a Itália ou a Grécia, que com ela concorriam<sup>3</sup>. O turismo terapêutico esteve, com efeito, na origem do turismo de lazer – isto é, do turismo tal como hoje o concebemos – sendo consensual o facto de a maioria das estâncias terapêuticas oitocentistas se terem transformado,

---

<sup>2</sup> Sobre o tema é possível destacar três obras pioneiras: SILVA, 1985, *A Madeira e o turismo: pequeno esboço histórico*; SAINZ-TRUEVA, 1985, *Forasteiros na Madeira Oitocentista* [...]; SAINZ-TRUEVA, 1988, *Viagens na Madeira Romântica*; SILVA, 1990, «Os Inícios do Turismo na Madeira e nas Canárias [...]», pp. 469-475.

<sup>3</sup> Com diferentes pontos de vista sobre o tema confrontar: CARITA, 2008, *História da Madeira* [...], pp. 582-583; JANCKOVIC, 2006, «The Last Resort [...]», pp. 271-298.

no século XX, em estâncias turísticas – como foi o caso da Suíça e das *rivieras* francesa e italiana<sup>4</sup>.

O consenso passa a ser problemático, todavia, no que se refere aos termos que designam o próprio fenómeno: “turismo terapêutico”. Para alguns autores, os enfermos ou *invalids* – termo que os ingleses utilizavam para se referir aos tuberculosos – não devem ser confundidos com turistas<sup>5</sup>. Do seu ponto de vista a expressão “turismo terapêutico”, utilizada para designar a cura de ares, não passaria de um equívoco: nada mais errado do que equiparar a motivação de um enfermo à de um turista.

A verdade, porém, é que entre ambos não é possível traçar uma fronteira clara. De certa forma, pode considerar-se terapêutica a necessidade que o viajante, provindo das grandes cidades industriais do século XIX, sentia de quebrar a rotina do seu quotidiano<sup>6</sup>. Na desmesurada metrópole industrial todos estavam “doentes”, porque a doença era, também, de natureza civilizacional. Ainda hoje, pelo mesmo motivo, a quebra da rotina – a viagem com fins recreativos – continua a ser encarada, também ela, como terapêutica. Quanto ao enfermo que viajava por prescrição médica, se parece despropositado confundi-lo com um turista, mais despropositado seria considerá-lo apenas um enfermo<sup>7</sup>.

A expressão “turismo terapêutico” traduz, pois, com justeza, a ambiguidade do fenómeno, isto é, o enlace entre lazer e cura e também o facto de ambos terem coexistido durante séculos. Dir-se-ia, portanto, que *invalids* e *pleasure seekers* teceram entre si uma relação inextricável, a qual, por vezes, coexistia numa mesma pessoa. O enfermo que frequentava a Madeira em cura de ares não era apenas e só um enfermo. Ao seu difuso quadro de sintomas, que ia da tuberculose a vagos estados de melancolia, aplicava-se um igualmente difuso quadro de medidas terapêuticas, do qual fazia parte a contemplação da paisagem, o descanso, a leitura. Da varanda de repouso de um hotel ou do mirante de uma quinta alugada à estação,

---

<sup>4</sup> Sobre o processo de transformação por que passaram, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, muitas vilas costeiras europeias, que começando por ser recomendadas pelos médicos como lugares terapêuticos depressa se transformaram em lugares de lazer e de moda, ver CORBIN, 2001, *História dos Tempos Livres* [...].

<sup>5</sup> Axel Wilhelm é um dos investigadores que partilha deste ponto de vista, considerando a expressão “turismo terapêutico” como um «eufemismo inaceitável». Na sua opinião, os muitos ingleses e alemães que hoje repousam no cemitério inglês do Funchal são a prova de que não era com fins recreativos que tinham frequentado a ilha. Cf. WILHELM, 1997, «Hamburgueses Falecidos na Madeira (1868-1896)», p. 64.

<sup>6</sup> Quebrar a rotina e também socializar, como era o caso do turismo termal oitocentista em Inglaterra, frequentado por uma elite rural que vivia dispersa pelo país. Cf. URRY, 2002, *The tourist gaze*, p. 4.

<sup>7</sup> Robert Stevenson, ele próprio um doente pulmonar, no seu ensaio sobre a viagem terapêutica, apercebeu-se bem da natureza dúplice da identidade do *invalid*: «He is like an enthusiast leading about with him a stolid, indifferent tourist». Quem melhor que o criador de *Dr. Jekyll e Mr. Hyde* poderia traduzir a ambiguidade do “turismo terapêutico”? Cf. STEVENSON, 1874, «Ordered South», pp. 68-73.

esta paisagem deveria, contudo, assumir os contornos de um *Eden*: refúgio bucólico dos doentios miasmas da metrópole industrial, isto é, a morada ideal de qualquer turista em férias.

## Paisagem e Cidade

Pintada, fotografada ou narrada, a paisagem não é concebível sem a presença humana, isto é, sem a presença de um observador que a identifica ou que a celebra<sup>8</sup>. A paisagem do turismo terapêutico esteve, pois, presente nas representações pictóricas ou literárias que dela fizeram alguns dos seus frequentadores oitocentistas. Da presença humana nessa paisagem restam-nos hoje alguns testemunhos esparsos: edifícios, ruínas, antigos caminhos – sendo, todavia, possível revisitá-la através do olhar de enfermos, naturalistas, exploradores ou viajantes ociosos – os mais directos antepassados dos actuais turistas.

É o olhar de uma elite cidadina e culta, a qual, na grande maioria dos casos, convivia de perto com a tragédia ambiental das grandes metrópoles europeias, e que, não raro, sofria ela própria as consequências dessa tragédia. Na Madeira, onde à amenidade do clima e à intensidade da luz se vinham somar os aromas dos frutos exóticos e os inquietantes vestígios dos vulcões extintos, esse olhar vagamente humboldtiano – que oscilou sempre entre a curiosidade científica e a divagação poética – deixou-nos inúmeros testemunhos sobre a paisagem pré-industrial da ilha: soalcos onde a máquina ainda não entrara, e uma cidade onde não se viam nem *slums* nem o fumo das fábricas<sup>9</sup>.

Mas se a paisagem é não só o pano de fundo da acção humana, mas também o lugar moldado pelos reflexos dessa acção<sup>10</sup>, então há que questionar em que medida esse território pré-industrial não terá sofrido, ele próprio, os efeitos da acção que sobre si exerceu a presença desses viajantes. Na verdade, a fisionomia do Funchal e da sua periferia, onde os *invalids* maioritariamente se instalaram, já existia muito antes da sua chegada. Fora obra de muitas gerações de povoadores, sociedade de

---

<sup>8</sup> RITTER, 2011, «Paisagem [...]», pp. 95-123.

<sup>9</sup> Na Madeira, a industrialização foi um fenómeno tardio e de expressão muito limitada, razão pela qual o Funchal nunca atingiria a escala das metrópoles industriais europeias do século XIX. A partir de meados desse século a sua expansão urbana ocorreu de forma espontânea ao longo de antigos caminhos rurais. E, se é certo que a nitidez do corte que a muralha estabelecia entre a cidade e o campo se viria a perder ao longo do século XIX, a imagem da cidade como entidade autónoma, apesar de porosamente confinante com a paisagem, não se perderia nunca.

<sup>10</sup> TURRI, 2011, «A Paisagem como Teatro», pp. 168-185.

cariz marcadamente rural que, desde o segundo quartel do século XV, foi transpondo para a ilha os saberes milenares das regiões donde provinha, adaptando-os ao meio, ensaiando e criando novas soluções.

Por outro lado, não é possível ignorar que, sobretudo a partir de meados do século XIX, a presença dos *invalids* contribuiu não só para sustentar esta paisagem como para lhe imprimir um novo carácter, até então ausente. Foi, aliás, a dimensão contemplativa do seu olhar, o seu distanciamento citadino e culto, que abriu caminho, na Madeira, ao jardim romântico, ornamental e curativo, bem como a alguns dispositivos que lhe estão associados, arquitecturas que serviam não só para fins terapêuticos – o exercício da cura de ares – como para o desfrute dessa mesma paisagem: as varandas de repouso, os miradouros e as “casinhas-de-prazer” ou “de fresco”.

A paisagem do turismo terapêutico não se resume, portanto, às imagens e narrativas que os seus frequentadores nos deixaram – o modo como estes viajantes apreenderam o território da Ilha – mas é também o resultado da sua interacção com ele. Não tendo sido eles os seus construtores, a verdade é que contribuíram significativamente para o seu enriquecimento e a sua sustentação. A arquitectura do turismo terapêutico sinaliza a sua presença na paisagem pré-industrial que os precedeu.

## Uma Cidade de Quintas

A “quinta de aluguer” foi uma das tipologias arquitectónicas do turismo terapêutico que mais profundamente marcaram a paisagem da capital do arquipélago. A várias altitudes, tirando partido dos graus de humidade e temperatura variável das encostas do Funchal, floresceu uma complexa topografia de cura, cujas virtudes os médicos estabeleciam. Dela tiravam bons proveitos os proprietários das quintas arrendadas pela estação de inverno aos enfermos e às famílias que quase sempre os acompanhavam. Por entre *poios*<sup>11</sup> agricultados, eram as quintas e os seus jardins o que mais impressionava o viajante oitocentista que contemplava o vasto anfiteatro da cidade desde a amurada do navio<sup>12</sup>. Foi esta cidade de quintas – que na década de 50 do século XX ainda mantinha as mesmas características – que Maria Lamas

---

<sup>11</sup> Forma como são designados na Madeira os socalcos agrícolas.

<sup>12</sup> A descrição de Wilde é, neste caso, exemplificativa: «The hills rise in terraces behind the town to a height of several hundred feet, clothed with vines and the most luxuriant vegetation; and studded with the lovely Quintas or private residences of the inhabitants». Cf. WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], p. 57.

descreveu quando esteve exilada na Madeira: «Hoje, sem exagero, o Funchal é uma cidade de quintas! Fora do centro e dos bairros chegados à beira-mar, as ruas correm, algumas inteiramente, por entre os seus muros»<sup>13</sup>.

Imagem n.º 1 – Ponte Monumental e margem direita do Ribeiro Seco, c. 1930, vendo-se (da esquerda para a direita) Villa Victória, Quinta Miramar, Quinta Perestrelo, Quinta Pércola, Quinta Nogueira



Fonte: Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, em depósito no Arquivo e Biblioteca da Madeira, Perestrellos Photographos, n.º inv. 12874.

A ponte da ribeira de D. João, em terrenos considerados salubres pelos clínicos oitocentistas, viria a implantar-se o mais importante conjunto de quintas de aluguer e hotéis da estância terapêutica. Os parcelamentos foram ocorrendo espontaneamente ao longo de dois eixos viários paralelos ao mar: a Rua dos Ilhéus e a Rua Imperatriz Dona Amélia. No seu guia<sup>14</sup>, James Yate Johnson sinalizou, nesta zona da cidade, 36 quintas de aluguer, entre as quais se contavam duas das mais cobiçadas

<sup>13</sup> LAMAS, 1956, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, p. 305.

<sup>14</sup> JOHNSON, 1885, *Madeira Its Climate and Scenery* [...].

por quem procurava a ilha em cura de ares: a Quinta das Angústias – cujo núcleo original datava do século XVII<sup>15</sup> – e a Quinta Vigia, construída em 1856 por um comerciante inglês<sup>16</sup>.

A tipologia urbana dominante em todo o anfiteatro, isto é, fora do antigo núcleo de intramuros era, por excelência, a que melhor se adequava ao “turismo terapêutico”: edifícios dispersos, ocupando lotes-jardim, cujas frentes confrontavam com os arruamentos ou caminho, verdadeira cidade de quintas que, paulatinamente, galgara a antiga muralha e se ia porosamente dissolvendo com o campo – quer para poente, ao longo da linha de costa, quer para norte, ao longo de uma rede de íngremes caminhos de festo. Foi esta periferia habitada e fértil das quintas de aluguer que fez do Funchal, durante mais de um século, a estância terapêutica de eleição no Atlântico Norte.

### **A Quinta de Aluguer**

Ao contrário do turista contemporâneo, os inquilinos que se deslocavam para as ilhas em cura de ares permaneciam por longas temporadas – normalmente durante a estação de Inverno<sup>17</sup>. A par da casa, estava incluído no aluguer o usufruto do jardim, beneficiando o proprietário dos proveitos da exploração da horta, do pomar, dos vinhedos ou de outros cultivos, se os houvesse. O aluguer à estação de uma quinta, não era, aliás, uma especificidade da Madeira: tratava-se de uma prática comum na Europa, em locais onde os enfermos permaneciam em cura de águas ou de ares<sup>18</sup>. A quinta de aluguer madeirense constitui, portanto, uma tipologia proto-turística<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> GUERRA, 1988, «A Quinta de Nossa Senhora das Angústias [...]», pp. 179-208.

<sup>16</sup> LAMAS, 1956, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, p. 318.

<sup>17</sup> E, em alguns casos, por um ano inteiro, sem que isso acarretasse acréscimo significativo no custo de aluguer, já que o Verão, como mencionavam alguns guias, era a época baixa.

<sup>18</sup> Pevsner dá como exemplo o caso de Goethe, que visitou regularmente a estância de Karlsbad entre 1795 e 1818, alojando-se em casas alugadas. Cf. PEVSNER, 1976, *A History of Building Types*, p. 208.

<sup>19</sup> Do início do século XIX ao eclodir da Primeira Guerra Mundial – identifiquei, na periferia do Funchal, 163 quintas de aluguer à estação, das quais seleccionei e analisei uma amostra de 73, estimando que, no último quartel do século XIX, o seu número rondasse as 109. Estes números fazem da quinta de aluguer a mais importante tipologia do turismo terapêutico na Madeira, o modo de alojamento preferencial de todos os que visitavam a estância em cura de ares. Ver MATOS, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico [...]*, p. 150.

Imagem n.º 2 – Quinta Favila



Fontes: Planta da Cidade do Funchal de 1967, arquivo da Câmara Municipal do Funchal (original tratado pelo Autor); fotografias: Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, em depósito no Arquivo e Biblioteca da Madeira, Perestrellos Photographos, n.ºs inv. 2962 e 2965.

Embora algumas remontem ao século XVIII, a grande maioria destas quintas eram construções de origem oitocentista, em que casa e jardim formavam uma unidade indissolúvel. Nelas se cruzaram tradições da arquitectura portuguesa com as da arquitectura inglesa de inspiração romântica, em particular do período georgiano. Algumas foram, aliás, propriedade de britânicos. As referências à sua presença na meia-encosta do Funchal remontam aos inícios do século XVII, constituindo hoje importante testemunho de uma forma peculiar de habitar a Ilha, que tirava partido da sua orografia e da amenidade da sua atmosfera.

Na grande maioria dos casos, era uma arquitectura sem arquitectos construída de acordo com tecnologias e saberes com elevado grau de imutabilidade: o lavar e

assentar das cantarias; o erguer das paredes; a caiação das fachadas; a escolha das madeiras para o sobrado; a armação das coberturas e seu revestimento a telha de canudo; a execução das calçadas de seixo basáltico nos jardins. Independentemente do seu grau de erudição, esta arquitectura alicerçava-se no sistema de medidas e proporções da «casa da macaronésia»<sup>20</sup> – um sistema que não foi exclusivamente de invenção local, mas que fazia parte de uma herança cultural mediterrânica, transposta para a ilha pelos povoadores.

É essa a razão por que as quintas de aluguer, sejam elas originárias do século XIX, XVIII ou mesmo XVII, se apresentam como um conjunto de grande coerência morfológica. Nelas persistiram determinadas constantes de natureza construtiva, estrutural, espacial e decorativa que tornam reconhecível a arquitectura destas casas, conferindo-lhes um carácter singular que as distingue das que foram construídas na mesma época noutras regiões do país – facto que levou, aliás, alguns autores do século passado a falar na existência de uma “casa madeirense”<sup>21</sup>.

Quer na disposição dos compartimentos interiores, quer na forma como se relacionavam com a sua envolvente, estas casas foram o reflexo de um ideal irrealizável no denso tecido da cidade tradicional. Concebida para a vida familiar – ocupando, por regra, o miolo de um lote murado – precisavam do jardim não só como espaço de lazer e protecção da intimidade dos seus habitantes, mas também como garantia de salubridade. Tratava-se de uma construção compacta, com dois ou mais pisos, cobertura em telhado de quatro águas, planta quadrada ou rectangular. No exterior, debruçada sobre o arruamento, surgia com frequência a “casinha-de-prazer” – termo que designa, na Madeira, os pequenos pavilhões de jardim de onde é possível observar o que se passa no exterior, ou contemplar a paisagem.

Estes jardins foram profundamente marcados pela cultura britânica, em particular pela influência de Loudon, o grande divulgador desta arte junto da classe média oitocentista. Todos eles, mesmo os mais pequenos, mesmo aqueles moldados na tradição mediterrânica dos socalcos, são herdeiros da mentalidade romântica que, no início do século XIX, esteve intimamente ligada ao *landscape garden* inglês: os bosques e as clareiras relvadas, os lagos, os percursos sinuosos povoados de pequenos templos e outros acontecimentos, a natureza artificialmente “natural”

---

<sup>20</sup> FERNANDES, 1992, *Cidades e Casas da Macaronésia* [...], p. 233.

<sup>21</sup> Sobre o tema ver MATOS, 2008, «A Propósito das Casas Madeirenses», pp. 117-136.

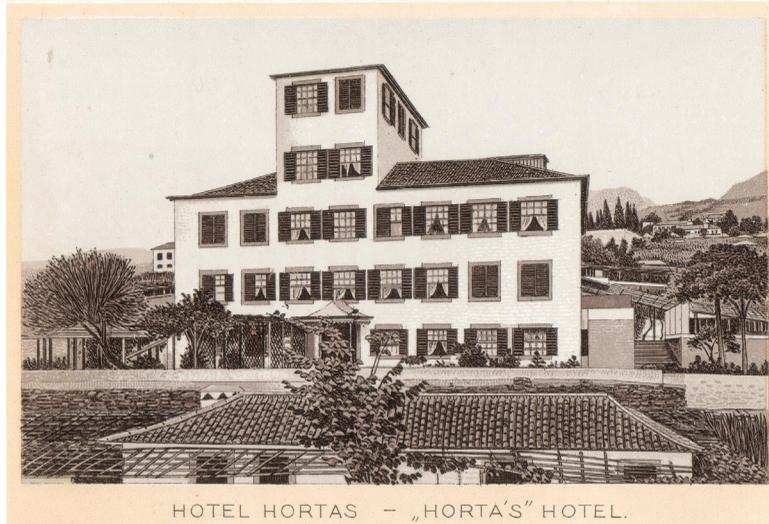
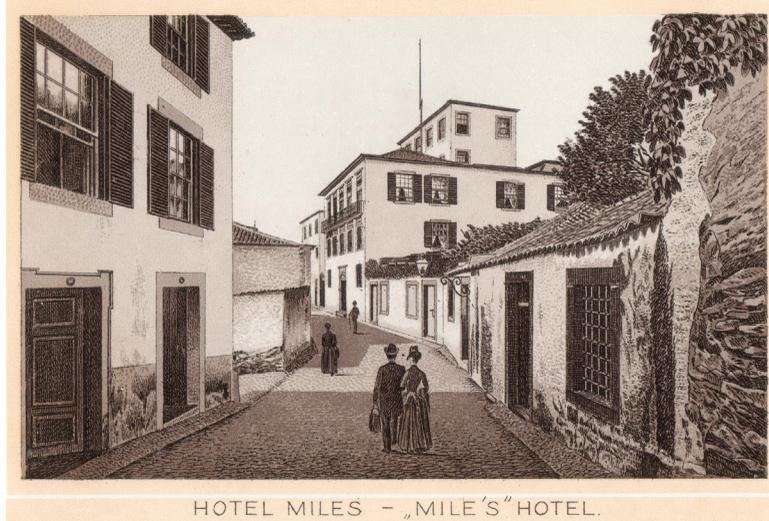
como esplendoroso pano de fundo da arquitectura. No escasso e acidentado território da ilha, o que estes jardins perderam em extensão, ganharam em dramatismo ao abrir-se aos panoramas abissais, aos cumes das montanhas ou ao horizonte longínquo do oceano.

## **Os Hotéis do Turismo Terapêutico**

As primeiras hospedarias madeirenses instalaram-se em construções urbanas do século XVIII, ou inícios do XIX, que tinham resultado da riqueza gerada pelo comércio do vinho. Do ponto de vista formal, as mais opulentas aproximavam-se da expressão do barroco continental: apresentando a típica seriação dos vãos de sacada no andar nobre, fachadas rematadas por beirados salientes e vãos ornados por cornijas em cantaria nos lintéis. Em alguns deles, elevava-se a “torre-avista-navios”, característica muito frequente na arquitectura funchalense dessa época. Tinham, em geral, dois ou três andares, destinando-se o rés-do-chão ao comércio, adega ou arrumos e, os pisos superiores, aos compartimentos mais importantes da casa. Quanto aos acabamentos interiores, como resultado da influência inglesa, eram já comuns, no primeiro quartel do século XIX, os tectos e paredes em estuque, bem como as janelas de guilhotina, que tinham vindo substituir os primitivos rotulados de madeira.

Na segunda metade do século XIX, a actividade hoteleira madeirense passou a ser monopolizada, na sua quase totalidade, pela família Reid, que adquiriu as principais unidades do Funchal: o Royal Edinburgh, o German, o Carmo e o Santa Clara. Instalados, também eles, em grandes residências setecentistas, ou de inícios de oitocentos, estes hotéis eram maiores e prestavam serviços mais sofisticados que as hospedarias, surgindo implantados em lotes urbanos mais desafogados. A grande novidade eram os jardins bem tratados, por vezes com campos de jogos, e as varandas de repouso – dispositivos que resultavam das recomendações terapêuticas dos médicos: a desejável permanência dos doentes ao ar livre. Estes hotéis mantinham, todavia, o carácter informal das antigas hospedarias, que as obras de adaptação não chegavam a apagar: inexistência de quartos standardizados; multiplicidade de entradas; percursos interiores labirínticos; e a localização aparentemente errática das instalações sanitárias, que pareciam sempre escassear.

Imagem n.º 3 – Os hotéis da cadeia Reid, c. 1880

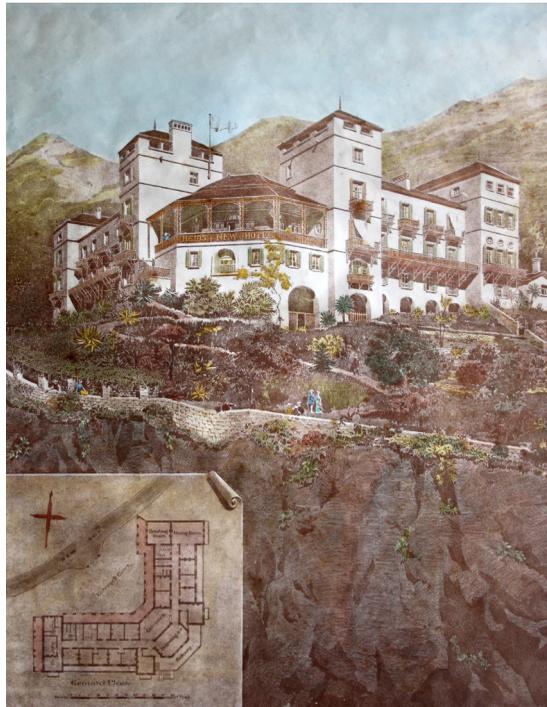


Fonte: colecção do Autor.

Projectado pelo arquitecto inglês Somers Clarke (1841-1926), o *Reid*, que entrou em actividade em 1891, é o primeiro hotel a instalar-se num edifício construído de raiz. O hotel ostentava o nome da família que continuava a deter a maior fatia da indústria hoteleira da ilha. O seu arquitecto optou por uma arquitectura muito próxima da expressão regional que encontrou ainda viva no Funchal oitocentista: um edifício torreado com panos de fachada rebocados e pintados, vãos guarnecidos a cantaria local incluindo tapa-sóis de abrir e cobertura em telha romana com beirado projectado. Encarados como locais de cura e de recreio, os jardins do hotel passaram a ser lugar de múltiplas actividades lúdicas e terapêuticas. Neles se combinaram eclecticamente – como era corrente na época – o paisagismo de tradição inglesa com o geometrismo da topiária “à francesa”.

No início do século XX, as principais unidades hoteleiras situavam-se perto do centro da cidade ou no Monte – a estância de altitude, 600 metros acima do nível do mar – e à semelhança de todas as capitais europeias a cidade tinha o seu teatro e o seu jardim público desde os anos 80 do século XIX. Todavia, o Funchal não perdera o carácter de uma pequena cidade de província com as suas ruas calcetadas a pedra basáltica, muitas delas marginadas pelos muros das quintas. Frente ao mar, depois de demolida a muralha, existia a praia e uma via estreita que era abruptamente interrompida por instalações industriais.

Imagem n.º 4 – Reid’s New Hotel, planta e perspectiva



Fonte: CLARKE, 1890, «Reid’s New Hotel, Madeira», p. 51.

## O Plano de Ventura Terra e o Turismo no Período de Entre Guerras

A implantação da República trouxe à Madeira o arquitecto Miguel Ventura Terra (1866-1919), a quem foi encomendado um «Plano de Melhoramentos para o Funchal» (1913-1915). Tratava-se de «dotar a cidade das condições que a projectassem para a época do Grande Turismo Internacional»<sup>22</sup>. Esse turismo, que tinha ainda como pressuposto a longa estadia, quase sempre associada à estação de Inverno era, portanto, ainda, o turismo terapêutico – pese embora a presença crescente daqueles que, em trânsito no porto por uns dias, desembarcavam na cidade para gozar as suas amenidades, comprar produtos locais e desfrutar dos panoramas de montanha.

Foi pensando nessas “multidões” que Ventura Terra traçou o seu plano de inspiração haussmaniana que rasgava no tecido urbano largos *boulevards* articulados por rotundas, alguns deles com passeios centrais arborizados. Pretendia-se resolver os problemas de circulação de uma cidade que, apesar do pouco que restava da antiga muralha, era ainda “acanhada”, sendo necessário “modernizá-la” com a abertura de arejadas e rectilíneas avenidas. Tal como sucedia em Las Palmas de Gran Canária, também no Funchal a cidade do turismo terapêutico renovava a sua fachada atlântica, lançando os primeiros projectos que, com o avançar do século XX, a iriam transformar numa cidade de turismo de lazer.

A Primeira Guerra Mundial e a profunda crise em que o país mergulhou nos anos que se seguiram à conclusão do Plano de Melhoramentos levaram a que tudo permanecesse como estava até então – como se pode verificar nas plantas da cidade da década de 30 do século XX. Não existe nenhum *boulevard* e a mesma nuvem de quintas continua a orbitar em torno da antiga estrutura de intramuros que parece ter parado no tempo. As obras previstas no plano de 1915 só têm início em grande força vinte anos depois, isto é, em finais da década de 30, quando, pela primeira vez, é reconhecido pela legislação portuguesa o papel da planificação urbana como disciplina e as câmaras municipais começam a realizar planos urbanísticos.

Foi neste contexto que o arquitecto Faria da Costa (1906-1971) – o primeiro arquitecto-urbanista português<sup>23</sup> – e o arquitecto Carlos Ramos (1897-1969), foram convidados a adaptar, com mais realismo, o plano de 1915 à capital da ilha. As obras começaram com a abertura de um grande eixo no coração da cidade, através do qual a nova rede de avenidas deveria encaminhar os turistas, e prolongaram-se com a abertura da Avenida

---

<sup>22</sup> CARITA, 2008, *Funchal 500 Anos de História*, p. 137. Sobre o tema ver também VASCONCELOS, 2008, *O plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal* [...].

<sup>23</sup> MARQUES, 2015, *João Guilherme Faria da Costa*, p. 195.

Oeste que fará a conexão com a antiga marginal turística Funchal-Câmara de Lobos, contruída em meados do século XIX por iniciativa de Silvestre Ribeiro. Outro eixo importante é o da entrada da cidade que recebe os turistas que desembarcam no seu molhe e, finalmente, a abertura de uma grande avenida, a Avenida do Mar – inspirada nos grandes *boulevards* marítimos de estações turísticas europeias como Cannes ou Nice.

## Arquitectura e Turismo de Massas

De acordo com os dados da Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas, em 1950 o número global de chegadas turísticas internacionais atingia os 25 milhões por ano. Em 2018 esse número tinha crescido para 1,4 biliões, isto é, um número 56 vezes superior ao registado em 1950<sup>24</sup>. Por si só estes números explicam com eloquência o conceito de turismo de massas, bem como o avassalador crescimento de uma das mais prósperas indústrias do planeta. Sendo certo, todavia, que chamar indústria ao complexo ritual através do qual a nossa cultura preserva o seu imaginário, os seus mitos e as suas lendas é inevitavelmente redutor<sup>25</sup>. Não cabe aqui, porém, discutir a dimensão etnológica do fenómeno, mas antes as suas repercussões na paisagem, na cidade e na arquitectura insulares e, em particular, o que, desse ponto de vista, distingue o turismo terapêutico do turismo de massas.

No segundo número da revista anual *World Architecture* de 1965 – revista dedicada à arquitectura mundial editada pelo fotógrafo inglês John Donat – o responsável pela selecção das obras que representavam a Espanha, o arquitecto David Mackay (1933-2014), encabeçava o seu texto, sugestivamente intitulado *The Rape of Spain*, com a seguinte epígrafe: «tourists 1951: 1,263,000 tourists 1964: 11,000,000»<sup>26</sup>. Os números relativos ao crescimento do turismo em Espanha eram, também eles, de uma eloquência que dispensava comentários. A esta epígrafe seguia-se um violento libelo contra o que o autor considerava ser um mundo «destruído pelas agências turísticas, especuladores e a população local corrompida pelo turismo»<sup>27</sup>. Um turismo que, na sua opinião, estava a devastar a paisagem das orlas costeiras mediterrânicas a uma escala nunca antes vista, feito «de modernos blocos paralelos inspirados numa qualquer ideia equivocada da Bauhaus e da Carta de Atenas»<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> ROSER, 2017, *Tourism. Our World in Data*.

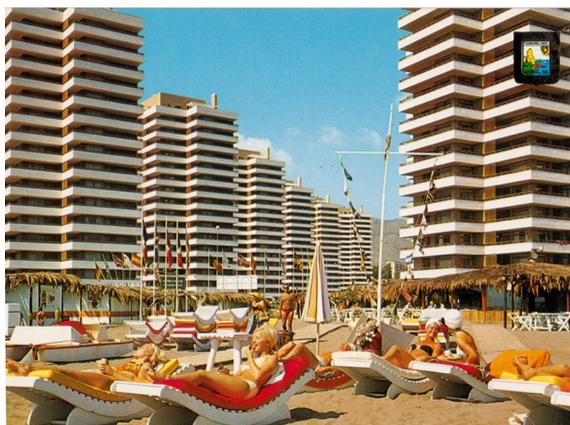
<sup>25</sup> URBAIN, 1993, *L'idiot du voyage*, p. 157.

<sup>26</sup> MACKAY, 1965, «Spain», p. 147-157.

<sup>27</sup> MACKAY, 1965, «Spain», p. 147.

<sup>28</sup> MACKAY, 1965, «Spain», p. 148.

Imagem n.º 5 – Postal de Torremolinos – Espanha, década de 60, século XX



Fonte: colecção do Autor.

O seu protesto, e os projectos que, na *World Architecture*, dava como exemplo do que deveria ser a arquitectura do turismo em Espanha<sup>29</sup> são bem representativos dos dilemas que os arquitectos dos países do Sul da Europa então enfrentavam perante o avassalador crescimento do turismo de massas:

«Os arquitectos protestam e recomendam, entre outras coisas: o uso de materiais locais; o uso de cores mediterrânicas, castanho terra, amarelo pó, verde oliveira, a menos que em situações à beira-mar; construções compactas contra o sol e a poeira; janelas pequenas contra a luz forte e o sol quente; e qualidade para obter benefícios a longo prazo.»<sup>30</sup>

Em suma, os arquitectos protestavam contra a arquitectura do Movimento Moderno no que ela tinha de mais aberrante, isto é, quando se arvorava em “estilo internacional”, alheia ao sítio onde se implantava, à sua história e às suas idiossincrasias.

Esta preocupação com o frágil equilíbrio das paisagens das orlas costeiras e dos seus aglomerados populacionais, ameaçados pela crescente pressão turística, chegam a Portugal na década de 60 e o seu eco faz-se ouvir nas páginas da revista *Arquitectura*, que traduz um artigo dedicado ao tema pela sua homónima espanhola:

«Segundo os recentes estudos económicos, o turismo tem representado para a economia espanhola uma fonte tão substancial de riqueza que superou já, no ano passado, o total das divisas provenientes das exportações [...]. O que o turista procura primordialmente é o sol e o mar. O maior incremento turístico das costas com sol é disso a prova [...]. Onde quer que haja mar e uma estrada aparece uma casa, depois outra, depois um hotel e pronto.»<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Os projectos consistiam numa nova cidade perto de Valência, desenhada pelo arquitecto Julio Cano Lasso, e a *Ciudad Blanca* da autoria do arquitecto Sainz de Oiza.

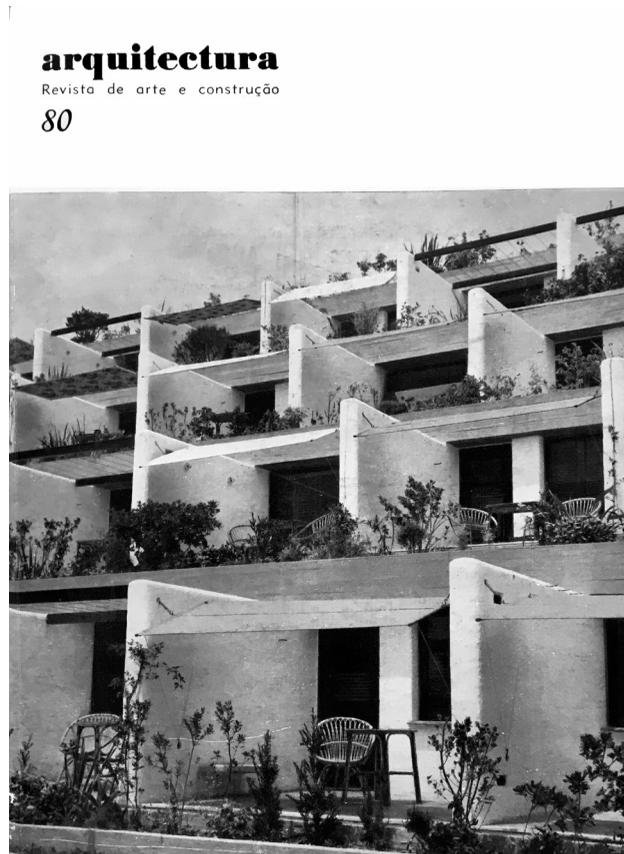
<sup>30</sup> MACKAY, 1965, «Spain», p. 148.

<sup>31</sup> CORRÊA, 1964, «Considerações sobre o Urbanismo e as suas Relações com o Turismo em Espanha», pp. 39-40.

Nos países do Sul, em resposta a um afluxo turístico sem precedentes, os interesses especulativos darão origem à urbanização anárquica do território e, conseqüentemente, à desqualificação da paisagem.

É na década de 60 que surgem publicados nas revistas de arquitectura portuguesas – dando grande destaque aos projectos mais qualificados – os primeiros hotéis de sol e praia. O Hotel do Mar, em Sesimbra, projecto do atelier Conceição Silva – um dos mais prolíficos neste domínio<sup>32</sup> – é publicado em 1963 na revista *Arquitectura*<sup>33</sup> e, no ano seguinte, na revista *Binário*<sup>34</sup>. A preocupação de Conceição Silva com a paisagem e o seu frágil equilíbrio manifesta-se no objectivo que pretende alcançar, expresso nas primeiras palavras do texto que publica: «a integração de um grande edifício num aglomerado urbano existente»<sup>35</sup>.

Imagem n.º 6 – Hotel do Mar, Sesimbra, capa da revista *Arquitectura*



Fonte: SILVA, 1963, «Hotel do Mar», pp. 22-27.

<sup>32</sup> LOBO, 2013, *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos [...]*, p. 1379.

<sup>33</sup> SILVA, 1963, «Hotel do Mar», pp. 22-27.

<sup>34</sup> SILVA, 1964, «Hotel do Mar», pp. 155-163.

<sup>35</sup> SILVA, 1963, «Hotel do Mar», pp. 22-27.

Na avaliação crítica da obra, o editor da revista mencionará, como provável fonte de inspiração, a arquitectura de Coderch, pensando talvez em Torre Valentina, o exemplar conjunto que o arquitecto espanhol projectara com cuidada atenção à fisionomia do lugar, em 1959, para a Costa Brava. Nunca concretizado, este projecto – que não podia estar mais longe dos «blocos paralelos inspirados numa qualquer ideia equivocada da Bauhaus e da Carta de Atenas»<sup>36</sup> que Mackay invectivava na *World Architecture* – iria transformar-se num dos projectos de referência e de integração na paisagem mediterrânica para a arquitectura do turismo da época.

Imagem n.º 7 – Hotel da Balaia, Albufeira, Algarve



Fonte: SILVA, 1969, «Hotel da Balaia», pp. 52-56.

A revista *Arquitectura* publicará, ao longo da década de 60, uma selecção de competentes projectos de unidades hoteleiras: o Hotel do Garbe (1964) de Jorge Ferreira Chaves e Frederico Santana em Armação de Pera<sup>37</sup>; o Hotel Alvor Praia (1966) de Alberto Cruz em Alvor<sup>38</sup>; o Hotel Algarve (1967) de Raul Tojal na Praia da Rocha<sup>39</sup>; e o Hotel da Balaia (1969) do atelier Conceição Silva com Maurício de Vasconcellos, em Albufeira<sup>40</sup>. No texto que acompanha a publicação do Hotel do Garbe, o arquitecto Rui Mendes Paula, como que antevendo os problemas que se avizinham, faz um apelo à planificação da orla marítima algarvia invocando a «beleza das suas arribas e areais, conjugados com os aglomerados piscatórios que se antevêm de quando em quando e que formam um conjunto harmonioso e profundamente característico»<sup>41</sup>. Com efeito, todos os hotéis publicados constituíram casos de excepção. A ocupação

<sup>36</sup> MACKAY, 1965, «Spain», p. 148.

<sup>37</sup> CHAVES, 1964, «Hotel do Garbe», pp. 100-110.

<sup>38</sup> CRUZ, 1967, «Hotel Alvor-Praia», pp. 246-256.

<sup>39</sup> TOJAL, 1967, «Hotel Algarve», pp. 100-106.

<sup>40</sup> SILVA, 1969, «Hotel da Balaia», pp. 52-56.

<sup>41</sup> PAULA, 1964, «Hotel do Garbe», pp. 101-110.

da orla marítima viria a ser, na grande maioria dos casos, desordenada e desqualificada, pondo em causa os milenares valores paisagísticos herdados do passado.

## Arquitectura do Turismo de Massas na Madeira

Em finais da década de 50 do século passado, é encomendado ao arquitecto-urbanista Faria da Costa um novo «Plano Geral de Urbanização do Funchal»<sup>42</sup>. Neste, pouca atenção era dedicada às novas construções turísticas na capital do arquipélago. O impacto destas era, à época, bastante reduzido, limitando-se o Plano a assinalar os hotéis existentes e os previstos. A grande maioria situava-se na marginal que desde meados do século XIX ligava o Funchal a Câmara de Lobos, isto é, nas imediações do antigo Hotel Reid. Este e o Savoy – construído na segunda década do século XX – continuavam a ser as principais unidades hoteleiras da cidade. Só a partir da abertura do aeroporto, em 1964, se inicia o novo ciclo do turismo de massas na Madeira. O fluxo de passageiros em voos nacionais, internacionais e *charter*, passará, a partir de então, pelo novo aeroporto, remetendo o porto do Funchal sobretudo ao transporte de mercadorias.

Imagem n.º 8 – Hotel do Porto Santo



Fonte: ANAHORY, 1963, «Hotel dans l'Île de Porto Santo, Portugal», p. 69.

Em 1960, a inauguração do aeroporto do Porto Santo dará origem a uma das mais interessantes obras de arquitectura levadas a cabo na Região na década de 60: o Hotel do Porto Santo, projectado por Eduardo Anahory (1917-1985), designer que então se dedicava à pré-fabricação<sup>43</sup>. O projecto do hotel viria a ser, aliás, amplamente

<sup>42</sup> GAMA, 2011, *Arquitectura e Turismo na Cidade do Funchal no Século XX*, p. 49.

<sup>43</sup> BORGES, 2010, *Eduardo Anahory: percurso de um designer de arquitectura*, pp. 113-118.

divulgado nas revistas europeias de arquitectura da época, demonstrando o interesse que suscitava a inovadora utilização do aço combinado com materiais leves que incorporavam, neste caso, o artesanato e mão de obra da Região. Tratava-se de uma construção em tudo diferente da dos desmesurados hotéis do turismo de massas: dois pisos delicadamente pousados sobre a duna, aparentando, graças ao seu sistema construtivo, a frágil discrição que hoje exigimos a tudo o que é construído junto ao mar. Em 1974, um incêndio pôs fim a este hotel que foi posteriormente reconstruído sem ter em atenção as singulares características que o edifício original possuía.

No Funchal, o novo ciclo de obras do turismo de massas iniciava-se com a ampliação do antigo Savoy, de inícios do século XX, absorvido por uma construção que alterou definitivamente o perfil torreado que o caracterizava e ingenuamente evocava os solares urbanos da antiga cidade de intramuros. A seu lado tinha sido construído o Santa Isabel – monótono edifício de cinco pisos, já em betão armado, com uma piscina na cobertura<sup>44</sup>. Não longe, o Atlantic Hotel – pequeno estabelecimento fronteiro ao mar, na margem esquerda da foz do Ribeiro Seco – era substituído por uma nova unidade com o mesmo nome, projectada pelo arquitecto Júlio Cascais<sup>45</sup>, que atingiria os 12 pisos acima da crista da falésia, pondo definitivamente em causa a escala das construções erguidas até à data numa área da cidade onde os edifícios mais volumosos eram os hotéis Reid e Savoy.

Imagem n.º 9 – Atlantic Hotel, vendo-se à direita o Hotel Savoy, c. 1950; ambos seriam demolidos na década seguinte



Fonte: Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, em depósito no Arquivo e Biblioteca da Madeira, Perestrellos Photographos, n.º inv. 2754.

<sup>44</sup> Construção demolida no século XXI para a construção do novo Savoy Palace.

<sup>45</sup> Actual Pestana Carlton Madeira.

Na margem direita do Ribeiro Seco, a Quinta do Sol – quinta de aluguer que fazia fronteira, a Sul, com o *British Country Club*<sup>46</sup> – seria demolida para dar lugar ao Hotel Quinta do Sol, projecto elaborado em 1965 por Chorão Ramalho, arquitecto com vasta obra construída na Madeira na segunda metade do século XX. Com «seis andares do lado nascente e sete andares do lado poente»<sup>47</sup>, o Hotel Quinta do Sol, com a sua fachada de contorno sinuoso onde os tapa-sóis e o betão aparente marcam presença, queria aproximar-se, nas palavras do arquitecto, «da própria vegetação que o rodeia» e contribuir «para o fundir no ambiente local»<sup>48</sup> – objectivo que é alcançado graças aos generosos jardins das quintas que com ele faziam fronteira.

Imagem n.º 10 – Hotel Quinta do Sol



Fonte: RAMALHO, 1983, «Trabalhos do Arquitecto Chorão Ramalho», pp. 49-60.

De entre estes primeiros hotéis do turismo de massas que se foram instalar a poente da cidade – local onde existia o mais importante conjunto de quintas de aluguer da estância terapêutica oitocentista – há que distinguir o caso singular do Casino Park Hotel<sup>49</sup>. Com os seus quatrocentos quartos, 221 metros de comprimento por 24 de altura, o Casino Park flutua com invulgar elegância sobre um amplo jardim público, isto é, sobre o que até então tinham sido os três jardins privados das três

<sup>46</sup> Actual Quinta Magnólia.

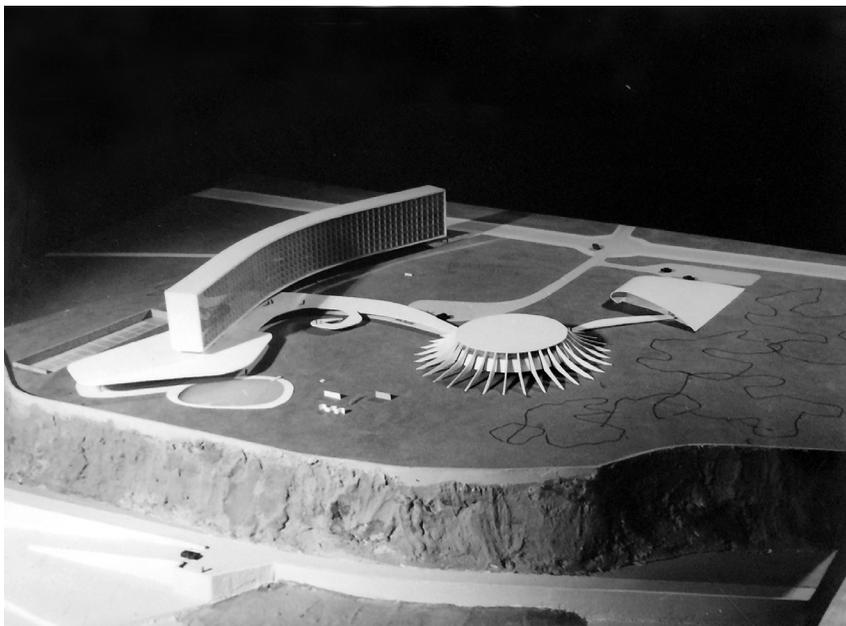
<sup>47</sup> FREITAS, 2010, *A obra de Raul Chorão Ramalho no arquipélago da Madeira*, p. 65.

<sup>48</sup> Chorão Ramalho *apud* FREITAS, 2010, *A obra de Raul Chorão Ramalho no arquipélago da Madeira*, p. 65.

<sup>49</sup> Sobre o tema ver ALCANTARA & MATOS, 2019, «À medida do mar e da montanha: o Hotel-casino de Oscar Niemeyer na Ilha da Madeira».

quintas de aluguer que foram demolidas para o efeito: as quintas Vigia, Pavão e Bianchi. Concebido em 1966 pelo arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer – contando, posteriormente, com a colaboração do arquitecto português Viana de Lima – o hotel seria inaugurado apenas em Outubro de 1976, acabando por se transformar na imagem de modernidade que, no novo ciclo do turismo de massas, a Madeira decidiu projectar de si própria em todo o mundo.

Imagem n.º 11 – Casino Park Hotel



Fontes: Fotografia do Autor, 2015; maquete: Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Fundo Viana de Lima.

Outro caso singular será o do Hotel Madeira Hilton, da autoria do arquitecto Carlos Manuel Ramos, publicado em 1971 na revista *Binário*<sup>50</sup>. Implantado num terreno com aproximadamente dois hectares – generosa dimensão para uma unidade hoteleira na Madeira –, o seu projecto de arranjos exteriores coube ao paisagista Gonçalo Ribeiro Teles. Conforme referia o arquitecto no texto que acompanhava a publicação, «o problema da composição arquitectónica de um hotel deste volume excede amplamente a forma do objecto para imediatamente se situar no problema da paisagem»<sup>51</sup>. Tratava-se, com efeito, de uma unidade de 280 quartos, cujo impacto na paisagem se tentou minimizar recorrendo, nas palavras do seu autor, a «uma planta em estrela». O arranjo paisagístico de Ribeiro Teles procurou também mitigar o impacto deste pesado volume.

Para disciplinar o rápido crescimento hoteleiro então em curso surgirá, em 1972, o «Plano Director do Funchal», um plano pioneiro em Portugal, concebido pelo arquitecto Rafael Botelho (1923) que integra na sua equipa o urbanista francês Robert Auzelle (1913-1983). O plano abordou pela primeira vez temas como o da salvaguarda da cidade histórica<sup>52</sup>, fundamentado em rigorosos levantamentos da antiga cidade de intramuros, ou a conservação das quintas da Madeira e a preservação da originalíssima paisagem do anfiteatro da cidade<sup>53</sup> – temas que ainda hoje conservam toda a actualidade e representam o que de mais interessante o Plano continha. Nele se destinava toda a orla costeira Oeste do Funchal – estruturada pela antiga marginal do século XIX a que já se fez referência – à “Zona Turística”. Aí deveriam implantar-se as novas unidades hoteleiras, rodeadas de espaços verdes – construções com um máximo de 150 quartos por hectare que não podiam exceder os 12 pisos<sup>54</sup>.

Aí se fixaram, ao longo das décadas de 60 e 70, hotéis como o Sotuma<sup>55</sup>; o Buganvília; o Girassol; o Mimosa; o Raga; o Estrelícia; e o Duas Torres – todos eles construídos em altura e inicialmente rodeados pelo antigo verde agrícola dos pequenos lotes rurais. Progressivamente, todavia, nas duas últimas décadas do século XX, esta área da cidade foi-se densificando, tornaram-se residuais os espaços verdes inicialmente previstos no Plano, asfixiando a própria arquitectura dos exemplares mais esbeltos e de desenho mais qualificado que aí se tinham fixado.

---

<sup>50</sup> RAMOS, 1971, «Hotel Madeira Hilton – Funchal», pp. 572-581.

<sup>51</sup> RAMOS, 1971, «Hotel Madeira Hilton – Funchal», pp. 572-581.

<sup>52</sup> Sobre esta dimensão prospectiva para a defesa da paisagem urbana do Funchal ver GONÇALVES, 2022, «António Aragão: preservar o presente conservar o passado», pp. 84-102.

<sup>53</sup> Sobre a preservação da cidade-jardim e das suas quintas ver PESSOA, 1969, «Zonas Verdes na Paisagem Urbana», pp. 123-141.

<sup>54</sup> BOTELHO, 1972, *Plano Director da Cidade do Funchal*, pp. 4-5.

<sup>55</sup> Hotel Sotuma, actual Gorgulho, com projecto do arquitecto João Conceição.

Imagem n.º 12 – Funchal, orla marítima Oeste, 1973-2019



Fontes: postal de 1973, colecção do Autor; fotografia do Autor, 2019.

Com uma capacidade de alojamento incomparavelmente superior à da Madeira, as Canárias constituíam, então, um exemplo do potencial que o turismo de massas poderia representar como factor de desenvolvimento da ilha portuguesa. Parecia não haver, todavia, consciência do impacto que tal desenvolvimento estava a ter num território com uma orla costeira dominada por arribas e um *hinterland* sulcado por vales profundos, isto é, um território pouco apropriado para receber programas construtivos de grande volumetria e pesadas infraestruturas urbanísticas de apoio como os que caracterizavam o novo ciclo turístico.

O Plano de Rafael Botelho centrou-se na capital do arquipélago onde então se concentrava 87% da capacidade hoteleira da Madeira<sup>56</sup>. Os estudos que o acom-

<sup>56</sup> PEREIRA, 1969, «Desenvolvimento e urbanismo no Arquipélago da Madeira», pp. 780-807.

panhavam, no entanto, preocuparam-se também com a expansão territorial do turismo em toda a ilha, sugerindo novos polos de desenvolvimento, isto é, a sua distribuição equilibrada no território<sup>57</sup>, o que nunca viria a acontecer<sup>58</sup>.

## Novas Paisagens

Só em finais dos anos 80 do século XX, após a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, o país aprovou um «Plano Nacional de Turismo» que tipificava a actividade e os equipamentos mais adequados a cada uma das suas regiões. Na Madeira, só em 1995 foi aprovado um «Plano de Ordenamento Territorial», o primeiro a abordar o território da ilha como um todo e, em 2002, um «Plano de Ordenamento Turístico» (POT), que foi o primeiro plano sectorial deste tipo em Portugal<sup>59</sup>. Estes planos tentaram resolver – até hoje sem êxito – a distribuição desequilibrada do turismo no território da Madeira, isto é, a flagrante macrocefalia do Funchal, fenómeno que se arrastava desde o século XIX e que, a partir da década de 80 do século passado, o financiamento dos fundos europeus e os grandes investimentos em infra-estruturas viárias, aeroportuárias e outros equipamentos não foi capaz de resolver.

Imagem n.º 13 – Caniço, Santa Cruz, Madeira, 2019



Fonte: fotografia do Autor.

<sup>57</sup> PEREIRA, 1969, «Desenvolvimento e urbanismo no Arquipélago da Madeira», pp. 780-807.

<sup>58</sup> O Complexo Turístico de Água de Pena (MATUR) viria a ser uma das raras excepções. Cf. GAMA, 2011, *Arquitectura e Turismo na Cidade do Funchal no Século XX*, pp. 83-90.

<sup>59</sup> PERDIGÃO, 2017, *O Turismo na Madeira [...]*, p. 313.

Estes investimentos fizeram-se acompanhar de uma sobreprodução imobiliária, alimentada pelo acesso ao crédito, pelo progressivo recuo da agricultura e pela urbanização de antigos solos cultivados, dando lugar a profundas transformações no território insular. Sulcada por vias rápidas, túneis e viadutos, orlada de obras marítimas, a Ilha viu surgir, na sua costa sul, uma extensa conurbação polarizada pelo Funchal e incorporando quatro antigas vilas entretanto elevadas a cidade: Câmara de Lobos, Caniço, Santa Cruz e Machico. Muitas vezes desarticulada e dissonante, nesta cidade difusa fixou-se 66,5% da população da ilha<sup>60</sup>. Pode-se, portanto, afirmar que na Madeira não foi a construção com fins turísticos a única responsável pelas profundas transformações que a paisagem insular sofreu nas últimas três décadas.

## Conclusão

A quinta de aluguer madeirense – tipologia arquitectónica dominante na era do turismo terapêutico – estabelecia uma relação contemplativa com a paisagem que levava a implantar a casa em contextos que convidavam a meditar sobre a alma da Natureza e a natureza da Alma – quadro cultural próximo do romantismo inglês que, em inícios de oitocentos, constituía novidade na Ilha<sup>61</sup>. Mais do que a sede de uma exploração agrícola, como até então tinha sido, a quinta passa então a ser um lugar de habitação, lazer e desfrute da paisagem, isto é, o lugar ideal para a cura de ares. Esta era, por sua vez, também uma cura de paixões, por isso, na relação que a casa tecia com o jardim – e, num sentido mais lato, com a paisagem – ressoava esse quadro difuso em que sintomas e sentimentos se confundiam. Pode dizer-se, portanto, que na quinta de aluguer oitocentista, o jardim foi tanto manifestação da alma romântica, quanto dispositivo de tratamento.

Foi talvez este quadro mental que levou Agustina Bessa Luís a considerar que, no século XIX, a doença pulmonar «efectuou um verdadeiro registo da identidade madeirense»<sup>62</sup>. Dito por outras palavras: foram os *invalids* que revelaram a Madeira ao mundo e, ao fazê-lo, fixaram a sua identidade ressuscitando o mito edénico de um arquipélago de paisagens benignas, felizes e floridas – uma ilha verde, com a sua “cidade de quintas” voltadas para o oceano. Esta atmosfera está presente no universo

---

<sup>60</sup> DANTAS, 2015, *Cidade e Rede Urbana na RAM*, p. 66.

<sup>61</sup> MATOS, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico [...]*, pp. 187-192.

<sup>62</sup> BESSA-LUÍS, 1987, *A Corte do Norte*, p. 34.

pictórico de Marta Telles, sobre o qual Agustina discorreu<sup>63</sup>, ou na arquitectura da Quinta do Monte cuja casa a escritora fez participar do romance *A Corte do Norte* como se de um personagem se tratasse<sup>64</sup>. A Ilha, por sua vez, foi-se moldando a este cenário por detrás do qual se ocultavam os ciclos de fome e as grandes vagas de emigração que a assolavam.

No último meio século, o turismo de massas começou por ocupar os locais onde o turismo terapêutico florescera. Com a profunda revolução dos sistemas construtivos que ocorreu com a generalização do uso do betão armado – modelo em tudo diverso do de uma arquitectura sem arquitectos construída de acordo com processos ancestrais – o Funchal cresceu, ocupando progressivamente as suas envolventes semi-rurais. Nasceram as primeiras periferias hoteleiras e construiu-se em altura, por vezes sem regra, no próprio coração da antiga urbe. Este modelo de crescimento foi alterando a fisionomia da ilha e da sua capital, pondo em causa a sua putativa identidade. Neste contexto, outra ficção identitária foi surgindo: a de uma ilha turisticamente modernizada e infra-estruturada capaz de competir com o seu mais directo concorrente: o arquipélago das Canárias.

Todos os olhares convergiram, então, para o arquipélago vizinho, tomando como modelo as suas instalações hoteleiras, os seus portos e aeroportos, as suas praias naturais e artificiais. A ruptura com o passado, operada na era do turismo de massas, tornar-se-ia, pois, expectável. A cidade de quintas ou de pequenas unidades disseminadas na paisagem foi, então, considerada um modelo inviável e pouco lucrativo. Só a criação de unidades compactas de grande ou de média dimensão poderia dar resposta às solicitações do novo turismo e às necessidades de criação de emprego e bem-estar da população. A sua construção fez-se sobre os jardins das antigas quintas, em raros casos conservando-os, na maioria, erradicando-os para sempre.

Para trás ficaria a cidade que o arquitecto paisagista Fernando Pessoa classificara, em 1969, como «autêntica cidade-jardim», com as suas quintas «verdadeiras obras de arte [...] tão indispensáveis à sua história e à sua cultura, tão necessárias às

---

<sup>63</sup> «Martha sente, através desses lugares imensos que fundamentam o rompimento entre o homem e a natureza, sente um desejo de reaver a ilha, de ter ao alcance o detalhe da ilha inteira. As flores pálidas das hidranjas, as lagartixas pré-históricas, as japoneiras em flor, o mar abraçado ao nevoeiro; os bandos de turistas com ar convalescente e estival, um velho hotel rococó onde parece ir rodar-se um filme com Charles Boyer e Maria Openskaya.», BESSA-LUÍS, 1986, *Martha Telles* [...], p. 9.

<sup>64</sup> BESSA-LUÍS, 1987, *A Corte do Norte*, pp. 146-155, 170-174.

estruturas da cidade, como os seus templos ou edifícios mais importantes»<sup>65</sup>. Para trás ficaria a «interdição total ou condicionada de construir» em quintas classificadas ou «locais onde existem espécies valiosas isoladas ou formando conjuntos», claramente expressa no Regulamento do plano de Rafael Botelho<sup>66</sup>. Trazida a lume pela divulgação dos espólios fotográficos que o Arquivo e Biblioteca da Madeira hoje conserva, essa cidade – já apagada na memória da maioria dos que hoje a habitam – sobrevive, todavia, com a intensidade fantasmática que só a fotografia consegue comunicar. Quem sabe não poderão estes espólios, constituir, um dia, material de reconstrução identitária para as novas gerações?

## Bibliografia

- ALCANTARA, Maria Daniela & MATOS, Rui Campos, 2019, «À medida do mar e da montanha: o Hotel-casino de Oscar Niemeyer na Ilha da Madeira», in *Anais do 13.º Docomomo Brasil*, Salvador, Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento da Bahia.
- ANAHORY, Eduardo, 1963, «Hotel dans l'île de Porto Santo, Portugal», in *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.º 105, p. 69.
- BESSA-LUÍS, Agustina, 1987, *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimarães Editores.
- BESSA-LUÍS, Agustina, 1986, *Martha Telles, O Castelo Onde Irás e Não Voltarás*, Lisboa, INCM.
- BOTELHO, Rafael, 1972, *Plano Director da Cidade do Funchal*, Funchal, CMF.
- BORGES, José, 2010, *Eduardo Anahory: percurso de um designer de arquitectura*, Tese de Mestrado, Lisboa, Instituto Superior Técnico.
- CARITA, Rui, 2008, *Funchal 500 Anos de História*, Funchal, Funchal 500 Anos, EM.
- CARITA, Rui, 2008, *História da Madeira – O longo século XIX (1834-1910)*, Vol. 7, Funchal, SREJE.
- CHAVES, Jorge Ferreira, 1964, «Hotel do Garbe», in *Arquitectura*, n.º 83, pp. 100-110.
- CLARKE, Somers, 1890, «Reid's New Hotel, Madeira», in *The Building News*, n.º 3, p. 51.
- CORBIN, Alain, 2001, *História dos Tempos Livres: O Advento do Lazer*, Lisboa, Editorial Teorema.

---

<sup>65</sup> PESSOA, 1969, «Zonas Verdes na Paisagem Urbana», pp. 123-141.

<sup>66</sup> BOTELHO, 1972, *Plano Director da Cidade do Funchal*, pp. 4-5.

- CORRÊA, Frederico, 1964, «Considerações sobre o Urbanismo e as suas Relações com o Turismo em Espanha», in *Arquitectura*, n.º 81, pp. 39-40.
- CRUZ, Alberto, 1967, «Hotel Alvor-Praia», in *Arquitectura*, n.º 100, pp. 246-256.
- DANTAS, Gilda, 2015, *Cidade e Rede Urbana na RAM*, Funchal, O Liberal.
- FERNANDES, José Manuel da Cruz, 1992, *Cidades e Casas da Macaronésia. Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântidas Sob Influência Portuguesa. Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*, tese de doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- FREITAS, Emanuel Gaspar, 2010, *A obra de Raul Chorão Ramalho no arquipélago da Madeira*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- GAMA, José Gil Correia, 2011, *Arquitectura e Turismo na Cidade do Funchal no Século XX*, tese de mestrado, Coimbra, FCTUC Arquitectura.
- GONÇALVES, Pedro, 2022, «António Aragão: preservar o presente conservar o passado», in *Islenha*, n.º 69, pp. 84-102.
- GUERRA, Jorge Valdemar, 1988, «A Quinta de Nossa Senhora das Angústias: em torno dos seus proprietários», in *Islenha*, n.º 23, pp. 179-208.
- JANKOVIC, Vladimir, 2006, «The Last Resort: A British Perspective on the Medical South, 1815–1870», in *Journal of Intercultural Studies*, 27, n.º 3, pp. 271-298.
- JOHNSON, James Yate, 1885, *Madeira Its Climate and Scenery: A Handbook for Invalids and Other Visitors*, 3.ª ed, London, Dulau & Co.
- LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*, Funchal, Eco do Funchal.
- LOBO, Susana Luísa Mexia, 2013, *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As Cenografias do Lazer na Costa Portuguesa. Da 1.ª República à Democracia*, tese de doutoramento, Coimbra, FCTUC Arquitectura.
- MACKAY, David, 1965, «Spain», in DONAT, J. (ed.), *World Architecture*, UK, Studio Vista, pp. 147-157.
- MATOS, Rui Campos, 2008, «A Propósito das Casas Madeirenses», in *Islenha*, n.º 43, pp. 117-136.
- MATOS, Rui Campos, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico – Madeira e Canárias (1800-1914)*, tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- MARQUES, Bruna, 2015, *João Guilherme Faria da Costa*, tese de mestrado, Coimbra, FCTUC Arquitectura.
- PAULA, Rui Mendes, 1964, «Hotel do Garbe», in *Arquitectura*, n.º 83, pp. 101-110.

- PESSOA, Fernando, 1969, «Zonas Verdes na Paisagem Urbana», in *Colóquio de Urbanismo: palestras e conclusões de mesas redondas*, Funchal, CMF, pp. 123-141.
- PERDIGÃO, Cristina, 2017, *O Turismo na Madeira – Dinâmicas e Ordenamento do Turismo em Territórios Insulares*, tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Raul da Silva, 1969, «Desenvolvimento e urbanismo no Arquipélago da Madeira», in *Análise Social*, vol. VII, n.º 27-28, pp. 780-807.
- PEVSNER, Nikolaus, 1976, *A History of Building Types*, London, Thames and Hudson.
- RAMALHO, Raúl Chorão, 1983, «Trabalhos do Arquitecto Chorão Ramalho», in *Arquitectura*, n.º 151, pp. 49-60.
- RAMOS, Carlos Manuel, 1971, «Hotel Madeira Hilton – Funchal», in *Binário*, n.º 158, pp. 572-581.
- RITTER, Joachim, 2011, «Paisagem. Sobre a função do estético na sociedade moderna», in SERRÃO, Adriana V. (ed.), *Filosofia da paisagem: uma antologia*, Lisboa, Universidade de Lisboa, pp. 95-123.
- ROSER, Max, 2017, *Tourism. Our World in Data*, disponível em <https://ourworldindata.org/tourism>, consultado em 2022-03-01.
- SAINZ-TRUEVA, José de, 1985, *Forasteiros na Madeira Oitocentista, Uma Estação de Turismo Terapêutico – Catálogo da Exposição*, Funchal, DRAC.
- SAINZ-TRUEVA, José de, 1988, *Viagens na Madeira Romântica*, Funchal, DRAC.
- SILVA, António Ribeiro Marques da, 1990, «Os Inícios do Turismo na Madeira e nas Canárias. O Domínio Inglês», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, s.l., Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 469-475.
- SILVA, Conceição, 1963, «Hotel do Mar», in *Arquitectura*, n.º 80, pp. 22-27.
- SILVA, Conceição, 1964, «Hotel do Mar», in *Binário*, n.º 66, pp. 155-163.
- SILVA, Conceição, 1969, «Hotel da Balaia», in *Arquitectura*, n.º 108, pp. 52-56.
- SILVA, Iolanda, 1985, *A Madeira e o turismo: pequeno esboço histórico*, Funchal, DRAC.
- STEVENSON, Robert Louis, 1874, «Ordered South», in *Macmillan's Magazine*, vol. XXX, 1874, pp. 68-73, disponível em <http://deriv.nls.uk/dcn6/8047/80475321.6.pdf>, consultado em 2022-03-01.
- TOJAL, Raul, 1967, «Hotel Algarve», in *Arquitectura*, n.º 97, pp. 100-106.
- TURRI, Eugenio, 2011, «A Paisagem como Teatro», in SERRÃO, Adriana V. (ed.), *Filosofia da paisagem: uma antologia*, Lisboa, Universidade de Lisboa, pp. 168-185.
- URBAIN, Jean-Didier, 1993, *L'idiote du voyage*, Paris, Payot.

- URRY, John, 2002, *The tourist gaze*, London, Sage Publications Ltd.
- VASCONCELOS, Teresa, 2008, *O plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal: primeira metade do século XX*, Funchal, Funchal 500 Anos, EM.
- VIEIRA, Alberto, 2008, «A História do Turismo na Madeira Alguns Dados para uma Breve Reflexão», in *Turismo – Revista de la Escuela Universitaria de Turismo Iriarte*, n.º 1, pp. 95-117.
- WILDE, William R., 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira, Teneriffe and Along the Shores of the Mediterranean*, London, Curry.
- WILHELM, Eberhard Axel, 1997, «Hamburgueses Falecidos Na Madeira (1868-1896)», in *Islenha*, n.º 20, pp. 64-68.